



BLANCHARD, Daniel. A atualidade do Maio de 68 (tradução). In: HAMZA Agon; RUDA, Frank (org.). *Crisis and Critique: 50 years after May 68*. volume 5, edição 2, 2018. *Revista Ensaios*, vol. 15, jul-dez de 2019.

A ATUALIDADE DO MAIO DE 68¹

Daniel Blanchard

Traduzido por Sérgio Ricardo Alves Oliveira²

Resumo: Em 68, a consciência social começou a ser reconstruída, tanto por meio da apreensão da expressão autônoma como através da ação. O exemplo do Centre d'Études Nucléaires de Saclay ilustra as batalhas de Maio. Estas reluzem alguns aspectos fundamentais da sociedade à época, aspectos que se mostram ainda mais marcadamente vigentes em nosso mundo capitalista presente: sua tendência totalitária, a destruição de todos os laços, a de todas as relações verdadeiramente vividas, do próprio significado da vida em sociedade. E, por outro lado, o intenso convívio, a transgressão de barreiras e de papéis no Maio. Em Saclay, vimos o quão rápido a *contestation* deslocou-se do meio estudantil para o meio heterogêneo, o quão espontaneamente se iniciou e se desenvolveu, testemunhamos sua natureza sistematizada e abrangente. Demanda-se o controle do trabalho coletivo, junto a seu corolário necessário, a liberdade de expressão (concebida como um pré-requisito para a verdadeira democracia). Como dito por Michel de Certeau, a expressão foi apreendida diretamente e de modo igualitário. Onde houvesse um surto da “*contestation*”, contestando tudo, incluindo-se partidos e sindicatos, era a burocracia a denunciada, acima de tudo. O que se reivindica é a responsabilidade; a igualdade entre indivíduos é traduzida em solidariedade prática. As demandas por salários mais altos perderam terreno, e os acordos Grenelle com seus 10% de aumento soaram como um insulto. A ação teve um poder revelador, conforme visto nas práticas do movimento 22 de Março, sobretudo a provocação, com vistas a que seus oponentes traíssem sua natureza reacionária, e a que a ação exemplar mostrasse a possibilidade de ação positiva imediata. Assim, a política se haveria tornado significativa novamente.

Palavras-chave: Maio de 68; Expressão (apreensão); Sindicatos; Burocracia; Salários; Igualdade.

¹ Texto publicado em HAMZA Agon; RUDA, Frank (org.). *Crisis and Critique: 50 years after May 68*. volume 5, edição 2, 29/11/2018. Disponível em: <https://crisiscritique.org/past.html>.

² Graduado em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutorado em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor substituto no Colegiado de Filosofia da Universidade do Estado do Amapá (UEAP). Brasil, Macapá, Amapá. serge.rk@gmail.com.



BLANCHARD, Daniel. A atualidade do Maio de 68 (tradução). In: HAMZA Agon; RUDA, Frank (org.). *Crisis and Critique: 50 years after May 68*. volume 5, edição 2, 2018. **Revista Ensaaios**, vol. 15, jul-dez de 2019.

Cinquenta anos se passaram e a repressão ao movimento social de contestação da política do Presidente Emmanuel Macron mostrou quão vívidos são o medo e o ódio suscitados no Maio de 68; permanecem dentre os ricos, políticos, burocratas e renegados. Este não é o tema que abordarei aqui, mas os eventos que seguimos considerando como altamente positivos, e que justificam as razões do mencionado acima. O que permanece relevante quanto ao Maio hoje, é, acima de tudo, os combates que foram travados, tanto no que tocam seus objetivos como nos caminhos que tomaram; mas também nos caminhos que os levaram à derrota. Pese-se também o fato de que aquelas batalhas reluziram alguns aspectos fundamentais da sociedade à época, aspectos que se mostram ainda mais marcadamente vigentes em nosso mundo presente.

Para demarcar os aspectos mais notáveis do movimento, escolhi um exemplo que não envolve nem uma universidade, nem uma fábrica e, por conseguinte, claramente mostra a grande variedade dos setores da sociedade que participou dele. O lugar é o Centre d'Études Nucléaires de Saclay, uma entidade estatal encarregada da pesquisa teórica e aplicada sobre energia nuclear³. O Centro é praticamente uma cidade de mérito próprio, com ruas, avenidas, restaurantes, uma estação de trem etc., visitada diariamente por cerca de 10.000 pessoas, metade das quais pesquisadores e pessoal técnico autorizado da Commissariat à l'Énergie Atomique, sendo o restante composto por empregados terceirizados, alunos e pesquisadores estrangeiros, além de um sem número de guardas de segurança. Uma cidade próxima à Paris, mas separada do mundo externo por cercas, arame farpado e regras rígidas de segurança. Uma área de segurança máxima, não obstante a que Maio invadira inicialmente.

Assim como em todo lugar, foi a repressão ao movimento estudantil que engatilhou o protesto, seguido do que se cunhou “*contestation*”: a contestação ao estado de coisas estabelecido. Tudo começa com alguns ativistas de esquerda e simpatizantes que se juntam e organizam uma petição. Logo adentram discussões com dezenas, e depois centenas, de colegas. No dia 13 de maio, 2000 pessoas mobilizaram uma manifestação na cidade de Saclay, antes da participação da grande manifestação em Paris. No dia 17, a *contestation* era tão contagiante no Centro que a central sindical – a

³ Administrado pela Commission à l'Énergie Atomique (a CEA).



BLANCHARD, Daniel. A atualidade do Maio de 68 (tradução). In: HAMZA Agon; RUDA, Frank (org.). *Crisis and Critique: 50 years after May 68*. volume 5, edição 2, 2018. **Revista Ensaios**, vol. 15, jul-dez de 2019.

intersyndicale – convocou uma assembleia geral. 5000 pessoas compareceram: cinco ou seis vezes mais do que a frequência usual. Tudo foi contestado, tudo de uma vez: a burocracia, os passes, os sindicatos. Eram demandas pelo respeito à liberdade de expressão individual. Por três dias inteiros, as discussões contaram com cerca de 1500 pessoas. Elas paulatinamente chegavam à conclusão de que toda a ordem estabelecida deveria tombar. E não estavam solicitando, estavam reivindicando, porque eram a fonte democrática legítima de poder. Todos participaram de igual para igual, o pessoal da CEA, bem como as empresas externas, em todos os níveis hierárquicos. O que eles *reivindicavam*? Que a administração fosse conduzida por um Conselho de Empresa eleito e revogável, contando com conselhos de trabalhadores eleitos em cada departamento e setor, que findassem as políticas internas de fiscalização, que se constituísse a liberdade de expressão para todos.

No entanto, não devemos idealizar o que ocorreu em Saclay. Até onde pude verificar, os diferenciais consideráveis nos salários não foram postos em xeque, embora algumas melhoras tenham sido reivindicadas para os trabalhadores dos baixos escalões. Talvez ainda mais significativo, não há nenhuma indicação de crítica aos objetivos da instituição. O programa desembocou em uma co-administração e em colaboração, e não em uma administração conduzida pelos trabalhadores. Portanto, todo o pessoal da CEA reivindicou o direito de participar da elaboração destes programas, incluindo-se seus programas militares.

Porém, a situação contém muitos dos aspectos que tornaram o movimento de Maio muito radical. Antes de mais nada, a rapidez com o que era eufemisticamente cunhado *constestation* deslocou-se do meio estudantil a este meio heterogêneo que possuía uma grande variedade de qualificações, bem como um largo espectro de renda, variando de cientistas de gabarito a trabalhadores da manutenção. Em segundo lugar, a maneira espontânea pela qual o movimento foi configurado e se desenvolveu. Um grupo de “*enragés*”, como eles próprios se identificavam, de fato desempenharam um papel, embora as organizações políticas não, e os sindicatos apenas tentaram se aguentar e contê-lo. Daí a natureza sistematizada e abrangente da *constestation*. A burocracia está em todo lugar, é denunciada em todo lugar. E positivamente, o que é reivindicado é o



BLANCHARD, Daniel. A atualidade do Maio de 68 (tradução). In: HAMZA Agon; RUDA, Frank (org.). *Crisis and Critique: 50 years after May 68*. volume 5, edição 2, 2018.

Revista Ensaios, vol. 15, jul-dez de 2019.

controle coletivo do trabalho, além de seu corolário necessário, a liberdade de expressão: ele reivindicavam responsabilidade. As reivindicações monetárias foram relegadas a um segundo plano. A liberdade, e quase o dever, de pronunciar-se – o que Michel de Certeau chamava “*la prise de la parole*”⁴, apreender o direito de pronunciar-se, assim como se havia tomado a Bastilha em 1789, foi imediatamente concebido como um requisito para a verdadeira democracia. Isto quebrou as barreiras entre as categorias profissionais, e – até certo ponto – entre as posições sociais. Demoliu os papéis sociais nos quais as pessoas se bloqueavam, ou aqueles que as bloqueavam. Isto levou à descoberta das bases daquela “democracia da classe trabalhadora” que o movimento revolucionário pôs em prática em seus momentos mais radicais: a assembleia geral soberana, conselhos e delegados mandatados para uma determinada tarefa, e revogáveis. Em outras palavras, a asserção da igualdade entre os indivíduos vistos como seres humanos e políticos. E esta igualdade traduziu-se em uma solidariedade prática: “alguns trabalhadores estavam passando fome em uma favela próxima. Pegamos um caminhão, algum dinheiro, combustível e fomos comprar a galinha e as batatas que eles precisavam em uma cooperativa agrícola. Os hospitais precisavam de radioisótopos: o departamento que produzia os radioisótopos voltou a trabalhar. O combustível é absolutamente necessário neste lugar isolado. O comitê de greve da refinaria Finac em Nanterre nos enviou 30000 litros, o que nos permitiu seguir com nossa iniciativa, e acima de tudo, ir ao Centro” (PESQUET, 1968).

Estas ideias, demandas e práticas sugeriram praticamente em todo lugar em 68, e elas permanecem tão significativas quanto subversivas hoje. Alguém poderia dizer que muitas se formaram no início do movimento operário, juntamente com o combate à sociedade capitalista, e que sua relevância durará enquanto durar o capitalismo. Mas o movimento de Maio está mais próximo de nós, mais eloquente, concretamente, do que 1848, 1871, ou “o que faz a importância de todas as crises é que elas revelam o que estava latente até então”, segundo Lênin. Isto é quase um truísmo, mas não obstante, deve ser levada a sério. O que naquela época estava “latente” em 68? Uma

⁴ N. do T.: a tomada da palavra.



BLANCHARD, Daniel. A atualidade do Maio de 68 (tradução). In: HAMZA Agon; RUDA, Frank (org.). *Crisis and Critique: 50 years after May 68*. volume 5, edição 2, 2018.
Revista Ensaios, vol. 15, jul-dez de 2019.

transformação dos mecanismos da sociedade capitalista, que havia começado na França – ou o passo do qual havia acelerado consideravelmente – com a Quinta República.

Retrospectivamente, os mesmos ataques beligerantes dos anos anteriores, como o da fábrica Rhodiacéta, a radicalização de alguns participantes no movimento estudantil, como em Estrasburgo, definitivamente parece sinais iniciais da convulsão. Mas, na minha opinião, eles não representam uma escalada cumulativa em combatividade que possam explicar estes fatos surpreendentes, como a extremamente rápida propagação do movimento em uma parte gigantesca da sociedade francesa, impellido por um ato de insubordinação de um grupo de estudantes, a aparente diversidade dos setores afetados por aquela propagação e a radicalidade convergente das ideias e práticas adotadas por praticamente todos os participantes. O que surpreendentemente estes fatos demonstram, penso, é uma experiência comum e compartilhada de uma realidade social, que por sua vez, encontrava-se profundamente homogeneizada. É o fato de que o período anterior havia aprofundado e sistematizado o aspecto totalitário da sociedade capitalista. Totalitário: não, obviamente, no sentido de um regime totalitário como o nazismo ou o estalinismo, mas no sentido de uma integração de todos os setores, de todos os aspectos e de todos os atores da vida social em um mecanismo voltado à expansão ilimitada da produção de bens, e portanto, do capital e de seu domínio. Do consumo ao tempo livre, da informação à transmissão de conhecimento, do laboratório à fábrica, tudo deve estar submetido às regras da instrumentalidade e da funcionalidade, estando tudo subjugado àquele objetivo absurdo, que não tem nada que ver com a vida das “pessoas comuns”. Obviamente, este processo devastador seguiu seu aprofundamento sistemático desde então.

Na França, a inauguração do regime gaullista representou o ponto de partida de uma campanha de racionalização da sociedade francesa, o que tomou a forma não apenas da liquidação do lobby dos “produtores de beterraba” (a agroindústria) e dos “destiladores de bebida” (os produtores “periféricos”), mas acima de tudo, a forma da transformação do domínio colonial no imperialismo neocolonial e do sistema produtivo no sentido mais amplo, de uma reorganização do processo de trabalho em nome da necessidade de controle e de eficiência. Muitos setores de serviços, sobretudo os



BLANCHARD, Daniel. A atualidade do Maio de 68 (tradução). In: HAMZA Agon; RUDA, Frank (org.). *Crisis and Critique: 50 years after May 68*. volume 5, edição 2, 2018.

Revista Ensaios, vol. 15, jul-dez de 2019.

correios e os bancos, foram mecanizados e industrializados, e os trabalhos proletarizados. A definição padronizada de tarefas e o controle burocrático foram estendidos às comunicações e à pesquisa. Nas universidades, onde um toque de “democratização” trouxe largos números de estudantes, o mesmo espírito de “racionalização” prevaleceu, tendendo a moldar os currículos e os perfis profissionais para os quais os estudantes seriam treinados, para fins da adaptação à necessidade de mais gerentes no interior do sistema produtivo. Esta era a tendência, mesmo se isto ainda estivesse muito longe da “universidade maquinica”, definida por seu profeta, Clark Kerr, reitor da University of Berkley, Califórnia, cuja posição autoritária havia provocado o levante estudantil lá, no outono de 1964.

Então, onde houvesse um surto de “*contestation*”, incluindo-se as contestações aos partidos e sindicatos, a burocracia era a denunciada antes de tudo, com sua hierarquia sectária, com o servilismo recompensado, seu absurdo, sua opacidade etc. Há uma recusa ao trabalho frustrante com sua rejeição à qualquer iniciativa, de liberdade de expressão, e praticamente, de toda inteligência. A revolta não é contra o trabalho propriamente dito, mas contra a estupidez de se viver apenas para trabalhar. A sociedade de consumo não é criticada – até onde sei, a “contracultura” nos Estados Unidos é apenas uma instância da crítica do consumismo por um movimento de massa – mas também não é valorizada: as demandas por maiores salários perderam espaço, e os acordos Grenelle negociados entre os sindicatos e o governo para pôr fim à greve, com um aumento de 10% posto como a principal conquista da greve geral, foram tomados como um insulto por várias fábricas. O movimento de Maio foi sem dúvida a primeira revolta que não decorreu da necessidade e do desejo material.

E a última? Aquela sim pode ter sido. O desemprego massivo, a precariedade e a “exclusão”, lançaram uma parcela tão grande da população na “esfera da necessidade”, brandindo uma ameaça constante – uma chantagem – de condições humanas e sociais degradadas para a maior parte dos trabalhadores. Isto significa que a dominação mudou. Obviamente, o capitalismo não pode prescindir da burocracia, mas na esfera da produção acima de tudo, de alguma forma logrou-se lutar contra as “irracionalidades” que a burocracia introduziu em seu funcionamento. O capital financeiro agora tem



BLANCHARD, Daniel. A atualidade do Maio de 68 (tradução). In: HAMZA Agon; RUDA, Frank (org.). *Crisis and Critique: 50 years after May 68*. volume 5, edição 2, 2018. **Revista Ensaios**, vol. 15, jul-dez de 2019.

preponderância sobre a “tecnoestrutura” administrativa. O controle no local de trabalho feito antes por um superior na hierarquia está sendo cada vez mais substituído por um contrato – monstruosamente desigual – para a prestação de um serviço. Ademais, há a obrigação das metas e a rígida codificação de atos impostos em pretensos trabalhadores responsáveis e autônomos. A retenção do empregador quanto à força de trabalho do empregado tende a se estender à totalidade de seu tempo, até mesmo de sua mente.

Como observei acima, os aspectos principais do mundo capitalista foram simplesmente reforçados: sua tendência totalitária, a destruição de todos os laços, de todas as relações sociais verdadeiramente vividas – e, acima de tudo, o próprio significado da vida em sociedade. No Maio, a profundidade daquela destruição e da frustração que isto causa foi evidenciada pelo intenso convívio, pela transgressão de barreiras e de papéis – seja da juventude, do trabalhador manual, intelectual, das mulheres –, na alegria com a qual tudo aquilo foi experimentado; alguém poderia quase dizer do deslumbramento em redescobrir um mundo subconscientemente desejado e perdido. O movimento de Maio foi radical na medida em que nos mostrou o quão radical é o niilismo capitalista.

Mas talvez tenhamos tido apenas uma vaga ideia de tudo aquilo à época: em muitos aspectos, a oportunidade e o caráter moderno do Maio somente pode ser visto retrospectivamente, por assim dizer. Isto é verdade para o mecanismo moderno da dominação que mal se introduzia, e que desempenha um papel central hoje. A “apreensão da expressão” – do direito de pronunciar-se –, não no sentido de uma exposição narcisista, como na TV, mas como um intercâmbio ao explorar-se o mundo social, como uma descoberta da igualdade de status, como as sementes da solidariedade, denunciou e subverteu o sistema de produção do que pode ser cunhado, quando usamos as palavras do escritor Armand Robin, “falsa expressão” (ele aplicava o termo aos programas de rádio da União Soviética). Acho que poderia ser útil analisar em detalhes este complexo sistema, e eu somente poderia dar uma ideia geral e hipotética deste aqui.

Hoje já não podemos nos contentar com a denúncia, como Chomsky faz de modo tão relevante, da fabricação do consenso pela propaganda, das mentiras, da



BLANCHARD, Daniel. A atualidade do Maio de 68 (tradução). In: HAMZA Agon; RUDA, Frank (org.). *Crisis and Critique: 50 years after May 68*. volume 5, edição 2, 2018. **Revista Ensaios**, vol. 15, jul-dez de 2019.

desinformação, dos ocultamentos, etc., manufaturados por agências especializadas vinculadas aos poderes constituídos, que por sua vez utilizam-se de meios sofisticados e impressionantes, e que são unilateralmente injetados na sociedade. Aquelas técnicas relativamente grosseiras são efetivadas por sistemas que são muito fraudulentos e tóxicos por serem *interativos*. Eles constituem uma extensão do sistema representacional, que diz a seus cidadãos: este é o seu governo, foi você quem decidiu que este deveria fazer assim ou assado etc. Da mesma maneira, o mercado, as pesquisas, a mídia, as ciências sociais, todos nos dizem: este dispositivo é a expressão de seus desejos, esta opinião é sua, aquele apresentador de TV ou político que você vê na tela é um outro ‘você’. E definitivamente não é o Big Brother que, de modo autoritário, anuncia uma mentira oficial e nos ordena a acreditar em tal. Não é nem mesmo um homem anônimo nas ruas, é um indivíduo “customizado” que fala conosco pessoalmente, e o que ele diz foi desenvolvido utilizando-se de material que foi extorquido de nós por um exército de avaliadores, pesquisadores de mercado, entrevistadores de calçada etc., a ser processado – analisado, classificado, remoldado – e depois servido a nós como se fosse nosso. Uma espécie de propaganda do faça-você-mesmo, um nivelamento por baixo falacioso e mimetizado do oprimido por aqueles no poder.

Obviamente, o dispositivo apenas foi projetado com base em nossos desejos – e nossos próprios desejos foram meramente induzidos – para extrair o máximo de dinheiro e submissão possível, a partir de nosso papel de consumidores. O discurso do político apenas tomou emprestado nossas palavras para obrigar-nos a “consentir” o que se nos impõe: esta é a forma de censura mais eficiente. Resumindo, e em outras palavras, a expressão, assim como o trabalho, está sendo *explorada*. Tal como a mais-valia extorquida do trabalhador aumenta o montante do capital, e portanto, reforça o poder do capitalista, nossas palavras são extraídas de nós de forma a aperfeiçoar, a refinar e a configurar as técnicas a partir das quais somos subjugados.

A expropriação da expressão do oprimido pela expressão do poder é reforçada por um processo de funcionamento ainda mais difuso na direção oposta, por assim dizer, uma vez que é a invasão aprofundada de uma linguagem que não é



BLANCHARD, Daniel. A atualidade do Maio de 68 (tradução). In: HAMZA Agon; RUDA, Frank (org.). *Crisis and Critique: 50 years after May 68*. volume 5, edição 2, 2018. **Revista Ensaios**, vol. 15, jul-dez de 2019.

espontaneamente nossa. Se não se trata da linguagem das autoridades diretamente é, ao menos, aquela referida na engenharia tecnocientífica. Não sabemos mais como falar de nós mesmos, ou sobre o mundo à nossa volta, utilizando nossas próprias palavras, palavras que pertencem a um *sujeito*; é como se aquelas palavras fossem totalmente inúteis para nossas vistas, e as substituímos pela expressão que é apresentada como objetiva. Localizamo-nos em sociedade usando as palavras e as categorias das ciências sociais, falamos sobre nossos órgãos com as palavras do doutor, sobre nossos sentimentos com aquelas do psicólogo, os atletas falam de seu corpo como se ele fosse uma máquina fora deles. O objeto começa a falar sobre si mesmo como um objeto.

Claro, não irei abordar a questão insondável da internalização, pelos dominados, das ideias, valores, representações etc. dominantes. Limitei meus comentários a alguns processos concretos, fáceis de ver e ouvir na vida cotidiana. O discurso objetivo que se apresenta como a representação da sociedade e a de cada um de nós, como a *ciência* daquela realidade, confisca cada *consciência* social verdadeira em sua origem, distorcendo-a e inibindo-a.

Precisamente em 68, foi aquilo – uma consciência social – que começou a se reconstruir. Sociólogos, psicólogos sociais, a grande mídia, entre outros, estavam silentes, e se os políticos falassem conosco, não era para nos seduzir, mas para nos ameaçar: a impostura havia desaparecido. A expressão foi confiscada diretamente e de modo igualitário por cada um; a propagação dos intercâmbios transgressores e horizontais – ignorando-se a idade, o papel, o sexo, as categorias etc. – revelaram: a crua realidade da sociedade na experiência concreta, e utilizando as palavras da linguagem comum compartilhada; as profundezas do status compartilhado; o senso de solidariedade.

Mas a ação demonstrou um poder revelador também, ao menos algumas vezes durante o movimento de Maio. O movimento 22 de Março exibiu práticas significativas singulares neste particular. Pessoalmente, tendo participado no *Socialisme ou Barbarie* por anos, e embora fôssemos audaciosos em nossas teorias, via-me preso em uma concepção tradicional da ação política, reduzida fundamentalmente ao discurso. As



BLANCHARD, Daniel. A atualidade do Maio de 68 (tradução). In: HAMZA Agon; RUDA, Frank (org.). *Crisis and Critique: 50 years after May 68*. volume 5, edição 2, 2018. **Revista Ensaaios**, vol. 15, jul-dez de 2019.

práticas do movimento 22 de Março foram uma revelação para mim: percebi o grau ao qual o nível simbólico influencia o impacto que um pequeno grupo de indivíduos pode suscitar em uma luta social infinitamente mais ampla.

O “movimento” nasceu em 22 de março de 1968, no campus de Nanterre (em um subúrbio a oeste de Paris), muito agitado à época, quando cem alunos estranhos, em sua maioria anarquistas, ocuparam a reitoria da universidade. A repressão subsequente suscitou manifestações de solidariedade, por vezes violentas, que gradualmente se difundia por todo o país, o que acabou inspirando os trabalhadores de todas as categorias, que fizeram a greve.

Minha intenção não é comparar o movimento 22 de Março com o *Socialisme ou Barbarie*, ou com a *Internacional Situacionista*, cujas análises devastadoras da condição estudantil foram influentes no desencadeamento da revolta universitária. Ele (o movimento) durou apenas algumas semanas e não era uma organização. Não tinha a intenção de construir uma teoria e não recrutou membros: você seria um membro se você participasse dele e, claro, se concordasse com algumas ideias básicas. Nasceu de uma ação e somente continuou enquanto pudesse atuar com o objetivo de radicalizar as lutas, impelindo-as para que se unissem e ganhassem mais autonomia.

Em termos gerais, sua ação tomou duas formas, muitas vezes combinadas: a “provocação” e a “ação exemplar”. A provocação se voltava a instilar a traição interna de seus oponentes (o governo, os sindicatos, o partido comunista etc.), revelando-lhes sua natureza reacionária. A ação exemplar consistia na tomada de iniciativa de agir por si em uma luta, de modo significativo e abrangente, com vistas a que este exemplo pudesse estimular outras forças a que fizessem o mesmo. Em outras palavras, a ideia era criar uma situação, revelar suas possibilidades, tomando medidas em seu próprio nome, e evitando o menor esforço em assumir o controle do movimento.

Nesta concepção, a ação se volta a um despertar, a um estímulo da consciência, pelo que ela diz concretamente, mas também pelo que representa – é tanto um “tamanho real” como é, ao mesmo tempo, uma imagem que sintetiza significados e a faz perceptível pelos sentimentos e pela mente. E, de alguma forma, ao menos no início, a



BLANCHARD, Daniel. A atualidade do Maio de 68 (tradução). In: HAMZA Agon; RUDA, Frank (org.). *Crisis and Critique: 50 years after May 68*. volume 5, edição 2, 2018. **Revista Ensaaios**, vol. 15, jul-dez de 2019.

própria existência do movimento do 22 de Março era precisamente o mesmo para os protagonistas do Maio em geral, ao menos para os que não estavam presos à lógica leninista dos “grupúsculos”: tanto um foco: um motor e uma aparência, por meio dos quais se pudessem ver e entender; tanto uma força real como uma força simbólica.

Talvez, mais importante, isto fosse à época um concentrado do modo paradoxal de ser do movimento de Maio, e é ainda esclarecedor hoje, assim como todo movimento realmente transgressor: eles ocorrem aqui e agora, no universal e no futuro; eles realmente experimentam a possibilidade enquanto realidade. Estes movimentos fornecem a experiência e a alegria imediata de uma sociedade que ainda não existe, mas que é a promessa de uma vida social autêntica, esvaziada daqueles códigos que enrijecem e segmentam, também ligados à instrumentação, constantemente praticando a “faculdade de começar”, isto é, a concepção de “liberdade” de Hannah Arendt.

A dinâmica do movimento, assim, baseou-se em três necessidades: igualdade, atividade e positividade imediata. Ele se esgotou quando o reino da hierarquia, da passividade e da decepção, foi restituído. Os sindicatos tiveram uma grande responsabilidade neste processo. Por terem fechado as fábricas em greve e por terem reduzido sua ocupação à mera guarda feita por um grupo de sindicalistas encarregado da proteção de equipamento contra a ação de vandalismo perpetrada por ativistas esquerdistas, fizeram mais do que somente evitar o contato entre estudantes e trabalhadores. A cisão entre aqueles que decidem e aqueles que obedecem foi restaurada no interior da própria comunidade grevista, e o pior, a grande parcela destes últimos foi deixada à própria sorte com seus próprios dispositivos, e “tiveram de se virar”, como diria a expressão. Eles não tinham de fazê-lo, claro, mas uma vez que os sindicatos reclamaram para si cuidar de tudo... Então, se nada acontecesse hoje, você teria apenas de esperar pelo amanhã, pelo que os sindicatos e os líderes transigissem oferecer.

Isto nos ensina uma lição política formidável. O movimento de Maio foi acusado de não haver travado a questão política. Ele definitivamente não o fez explicitamente, mas como muitos outros momentos revolucionários, com efeito mostrou-se qual caminho deveria ser seguido para lidar-se com aquela questão. A subversão da Política



BLANCHARD, Daniel. A atualidade do Maio de 68 (tradução). In: HAMZA Agon; RUDA, Frank (org.). *Crisis and Critique: 50 years after May 68*. volume 5, edição 2, 2018.

Revista Ensaaios, vol. 15, jul-dez de 2019.

somente pode ocorrer por meio de um surto de *atividade política*, o qual aponte para quando um sujeito coletivo irrompe na esfera pública e assume a administração direta e igualitária de toda a sociedade. Em 68, aquele sujeito coletivo mal teve tempo para começar a se constituir com base em uma consciência social lúcida, tampouco para definir os obstáculos institucionais para a sua ação – isto é, o governo, os partidos políticos, os sindicatos, aqueles órgãos autoproclamados da consciência proletária –, o que bastou para que todas aquelas entidades perdessem todo o seu conteúdo, relevância e aderência à realidade, ao menos por alguns dias. O movimento também parece ter compreendido – em todo caso, isto nos ajuda a entender – em que medida, em um Estado moderno, é inútil tentar subverter a política desde o interior do sistema visto como a dimensão institucional por meio da qual uma parcela da sociedade governa o todo, e que implique a cisão entre aqueles que dão as ordens e os que as obedecem, entre os representantes e os representados, entre as pessoas ativas e as pessoas passivas etc. Eric Hobsbawm (em *A era dos impérios*) mostra claramente como a invenção dos partidos políticos de massa frustrou e confiscou totalmente o sufrágio universal. E quanto à “falsa expressão” e sua ascendência em nós, não é denunciando-a que iremos desativá-la, mas apenas quando cada um de nós apreender o direito de pronunciar-se.



BLANCHARD, Daniel. A atualidade do Maio de 68 (tradução). In: HAMZA Agon; RUDA, Frank (org.). *Crisis and Critique: 50 years after May 68*. volume 5, edição 2, 2018.
Revista Ensaio, vol. 15, jul-dez de 2019.

Referências bibliográficas:

HAMZA Agon; RUDA, Frank (org.). *Crisis and Critique: 50 years after May 68*. volume 5, edição 2, 29/11/2018.

PESQUET, Jacques. **Des Soviets à Saclay?: premier bilan d'une expérience de conseils ouvriers au Commissariat à l'Énergie Atomique**. Paris: F. Maspéro, 1968.